

Parque Biológico de Gaia: A natureza ao vivo

O Parque Biológico de Gaia foi o primeiro centro de ambiental a entrar em funcionamento no país, já lá vão quase vinte anos. Numa área de 35 hectares, é possível ver espécies de animais que desapareceram ou rareiam em Portugal, revisitar antigas quintas ou simplesmente relaxar na relva e escutar o marulhar das águas do rio. Uma delícia.

A tarde estava quente e soalheira. Depois da chuva dos últimos dias, a chegada do bom tempo era ideal para disfrutar o prazer que a descoberta e o contacto com a natureza habitualmente proporciona. O Parque Biológico de Gaia é um desses sítios. Lá, o tempo ainda passa devagar e tudo parece estar em harmonia. Não é um parque urbano no sentido estrito do termo, apesar de ser uma extensa área verde e se situar na malha urbana de uma grande cidade, e também não é um parque zoológico no sentido com que habitualmente o designamos, apesar das inúmeras espécies de animais que o habitam.

O termo mais correcto será então centro de educação ambiental - o primeiro a surgir no país -, cujo principal papel não é tanto o de ensinar o nome das árvores ou dos pássaros, mas antes fazer compreender a evolução dos usos e costumes, a transformação da paisagem e a importância do meio ambiente no sentido de um desenvolvimento sustentado. Um objectivo que se tenta atingir convidando o cidadão a revisitar um património natural e cultural - matagais, campos cultivados, caminhos vicinais, casas rurais, moinhos, ribeiras, muros de granito, açudes, fauna selvagem e flora espontânea - magnificamente preservado. Nuno Oliveira, director do parque biológico, diz a esse propósito: "Da compreensão dessa paisagem, em cuja modelação foi determinante a milenar intervenção do homem, e da comparação com a envolvente próxima, rurana e urbana, resulta o acto educativo". E é realmente disso que se trata: proporcionar um acto educativo em contexto natural sem pretender fazer dele uma mera exposição.

Para além desta componente educativa, a importância deste equipamento mede-se também pelo refúgio natural que constitui para a fauna da região e não só: oitenta espécies de aves vivem no parque ou visitam-no durante as migrações, metade das quais nidifica ali. O parque é, aliás, um ponto de passagem das rotas de migração das pequenas aves, em particular das que seguem os rios e as ribeiras, como é o exemplo do pintassilgo-verde. Dispersas pela paisagem encontram-se igualmente dezasseis espécies de mamíferos, entre elas algumas que foram dadas como extintas, como a cabra-brava, cujo último exemplar em estado selvagem tinha sido abatido na Serra do Gerês em 1982, ou o próprio bisonte, que em tempos percorreu todo o continente europeu e foi dado como desaparecido nas estepes da Polónia em 1921, a que se somam a Toupeira-de-água e a Lontra, espécies já pouco comuns em Portugal. A esta classe juntam-se os reptéis e os anfíbios, representados por doze espécies, oito de peixes e várias dezenas de invertebrados.

Para se perceber a extensão da sua importância enquanto refúgio da fauna, será igualmente importante referir que no parque existe também um centro de acolhimento de animais selvagens encontrados feridos ou apreendidos pelas autoridades, que funciona em colaboração com o Instituto de Conservação da Natureza.

Os animais que se encontram em cativeiro ou semi-cativeiro, de acordo com os princípios estabelecidos pela direcção do parque, não podem ser capturados intencionalmente, tratando-se por isso de exemplares que ou já foram criados em cativeiro, apresentam alguma incapacidade permanente ou são espécies domésticas. Quando a recuperação é possível, os animais são libertados em local adequado. Os excedentes dos programas de criação em cativeiro são postos à disposição do Instituto de Conservação da Natureza e da Direcção Geral de Florestas para programas educativos, de repovoamento ou permutas de diversificação genética.

Outro dos princípios diz respeito ao encarceramento dos animais, onde é posto um especial cuidado no dimensionamento, localização, arranjo e vegetalização dos cercados e gaiolões, de modo a recriar tanto quanto possível as características do habitat natural e reduzir o *stress* a que estão sujeitos.

Um espaço de descoberta

A primeira impressão do parque sugere-nos um imenso espaço de descoberta: os caminhos que penetram no interior da floresta e a mancha densa de arvoredo são alguns dos ingredientes que aguçam a curiosidade dos visitantes, que têm ao seu dispor mais de três quilómetros de trilhos.

Na tarde em que a Página visitou o parque, encontrou uma turma do 4º ano da Escola Básica do 1º Ciclo da Areosa, em Viana do Castelo. O entusiasmo entre os alunos era evidente, e havia mesmo quem garantia que não se importava de viver ali. A Conceição era uma das mais atentas, sempre de caneta e bloco de notas na mão pronta a apontar as características dos animais e dos locais por onde ela e os colegas passavam. A razão para tanta atenção, explicou a própria, devia-se ao facto de as informações reunidas se destinarem a fazer o jornal da escola, cujo próximo número seria dedicado inteiramente à visita ao parque.

O percurso iniciou-se na zona destinada às aves estuarinas, que habitam uma gaiolão imenso, capaz de proporcionar o vôo no seu interior, onde se misturam diferentes espécies de aves. A observação dos animais, tanto

ali como ao longo de todo o percurso, é efectuada através de observatórios em madeira, com uma abertura ao nível dos olhos suficientemente larga para permitir uma boa visualização e discreta quanto baste para não assustá-los. Mais à frente é a vez dos gamos e dos corços, que pelo seu aspecto simpático e inofensivo enterneceram particularmente os miúdos.

As fichas de trabalho, distribuídas à entrada, iam ajudando os alunos a descobrir mais sobre o que iam vendo e fazendo está-los atentos aos painéis informativos dispostos ao longo do percurso. Cada nova etapa originava uma correria desenfreada, cada um a tentar chegar primeiro que os outros. O professor que os acompanhava bem tentava acalmá-los, mas a excitação era tanta que se tornava difícil contê-los. Para trás ficava invariavelmente a Conceição, acompanhada de um ou outro retardatário, sempre com o bloco de notas à mão. O João Paulo era outro dos miúdos mais castiços, que fazia questão de ler em voz alta as explicações constantes nos painéis informativos. Os colegas, porém, dispersos pelo cenário que os envolvia, ouviam-no umas vezes atentamente, outras nem por isso.

Chegados à quinta de Sto. Tusso, uma das propriedades agrícolas mais antigas da região, os alunos ficaram a conhecer umas poucas espécies de galináceos que não estão habituados a ver, nem nos quintais dos avós, como as galinhas da Índia, com os seus penachos exuberantes, ou os faisões cobertos de uma bela plumagem multicolor. Esta quinta, muito bem preservada, mantém ainda as funções de produção agro-pecuária, sendo por isso mais do que um museu vivo.

Caminhando um pouco mais em frente deparamos com os animais da quinta - carneiros, cabras, vacas, porcos - que vivem nos socialcos sobranceiros ao rio Febros. Este curso de água, desconhecido para muitos dos habitantes do próprio concelho, mantém uma importante função no vale que atravessa o parque, não só porque é usado na rega dos campos mas também porque mantém intacta uma vegetação ribeirinha característica, onde predominam os salgueiros, os amieiros ou os choupos. A poluição, porém, já fez com que muitas das espécies de peixes que ali abundavam tenham desaparecido.

É o mesmo rio que faz mover as engrenagens do moinho do Belmiro, recuperado no início da década de 90, que mostra de que forma era ancestralmente moído o grão antes da industrialização deste processo. Depois de lerem os painéis e ouvirem as explicações do professor, os miúdos já só queriam partir para a etapa seguinte.

Atravessando a zona de floresta, chega-se ao recinto das cabras-bravas - que de bravas nada parecem ter, tal foi o modo com que uma delas se deixou afagar - e daí aos javalis e aos bisontes. Quanto ao resto, muito mais haveria para contar. Por isso, melhor do que tentar imaginar o parque através desta descrição é fazer como eu próprio e os alunos da EB da Areosa e descobri-lo pelos próprios sentidos.

Apesar de se dirigir a miúdos e graúdos, um recurso de educação ambiental como o Parque Biológico de Gaia tem nas escolas um dos públicos alvo de primeira importância. O ano passado visitaram o parque cerca de dois mil grupos organizados, num total de 150 mil visitantes. É por essa razão que, para além das visitas diárias, existe um programa de estágios ambientais de dois ou três dias que funcionam como uma visita de estudo mais completa. Os participantes dormem nas instalações do próprio parque, que dispõe de um centro de acolhimento para 88 pessoas, e podem usufruir de uma série de actividades complementares relacionadas com a descoberta e aproveitamento dos materiais naturais. Entre outras, mostra-se aos alunos de que forma se podem colorir tecidos através das plantas, reciclar papel, construir comedouros e ninhos para a passarada, fabricar compotas, aprender a fazer um herbário ou reutilizar materiais que habitualmente são vistos como lixo.

Além disso, existe também o programa Turma Verde, através do qual se proporciona às escolas a possibilidade de realização das aulas no interior do recinto, para o qual se proporciona uma sala e se põe à disposição o laboratório

Expansão ainda não está garantida

O projecto de criação do Parque Biológico de Gaia remonta ao início da década de 80 e foi na altura apresentado pelo Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, que apoiou a ideia através da cedência de um terreno de dois hectares na freguesia de Avintes, nessa altura um arrabalde longínquo, que aos poucos foi sendo absorvido pela malha urbana que se começou a tecer a sul da cidade do Porto. Partindo de uma pequena equipa e de instalações provisórias, começou-se pela abertura e sinalização de caminhos, construção de instalações para animais, abertura de lagos e produção da primeira informação destinada ao público.

Em 1997 o parque foi ampliado para 35 hectares (mais ou menos o tamanho de um número equivalente de campos de futebol), não só com o objectivo de alargar as instalações mas principalmente no intuito de preservar a integridade paisagística do local. É que a pressão imobiliária avança rapidamente naquela direcção e o parque é cada vez mais uma ilha no meio do betão. Porém, a autarquia de Gaia já inscreveu aquele espaço como zona protegida no Plano Director Municipal.

Atingida a fase adulta, a grande prioridade da administração do parque é agora a expansão da actual área, que apenas poderá ser concretizada através da compra de mais vinte hectares de terrenos contíguos. Porém, alerta Nuno Oliveira, além de o orçamento autárquico destinado ao parque ser reduzido e não permitir grandes sonhos, é necessário que, antes de mais, a câmara municipal proponha que essa área seja afectada como reserva agrícola ou ambiental, o que ainda não sucedeu. Dados estes fortes condicionamentos, o projecto mais realista passa pela recuperação do edifício da Quinta do Chasco para transformá-lo num centro de investigação sobre bio-diversidade e recursos genéticos, em colaboração com a Universidade do Porto.

De qualquer forma, é uma aposta ganha.